



ORIENTE MÉDIO EM CONVULSÃO

França e Reino Unido aumentam defesa de bases no Chipre

Temendo novos ataques retaliatórios de Irã e aliados, líderes europeus enviam navios de guerra e helicópteros para a ilha no Mediterrâneo

» PALOMA OLIVETO

Reino Unido e França vão reforçar seus aparatos militares no Chipre, com envio de navios de guerra e helicópteros à ilha mediterrânea, com fins defensivos. Uma base britânica foi alvo de um drone na segunda-feira, e duas instalações francesas teriam sofrido danos em decorrência da retaliação de Irã e seus aliados aos ataques dos Estados Unidos e Israel. “Continuamos com nossas operações de defesa (...)”. O Reino Unido está completamente comprometido com o Chipre e com a segurança dos britânicos baseados lá”, escreveu o primeiro-ministro, Keir Starmer, no X. Devido à recusa em atacar Teerã, Starmer foi repreendido três vezes em menos de 24 horas pelo presidente norte-americano, Donald Trump.

Em entrevista ao jornal britânico *The Sun*, Trump afirmou que o relacionamento com o Reino Unido “não é mais o mesmo”. Ao *Telegraph*, o presidente destacou que Starmer demorou para permitir que os Estados Unidos usassem as bases inglesas. Depois, ao lado do chefe do governo alemão, Friedrich Merz, recebido na Casa Branca

com elogios, o mandatário voltou a reclamar com os repórteres da recusa de Starmer em ajudar nos ataques ao Irã. O primeiro-ministro teria sido “muito pouco cooperativo com aquela ilha estúpida que eles têm”, em referência a Diego Garcia, atol onde funciona uma instalação militar conjunta dos países. “Não estamos lidando com Winston Churchill”, provocou.

Starmer não comentou os ataques de Trump. Ele autorizou o envio de dois helicópteros Wildcat, além do navio de guerra HMS para o Mediterrâneo Oriental. Em nota, o Ministério da Defesa britânico afirmou que os aparatos “reforçarão a defesa contra drones para nossos parceiros ciprotas”. Na segunda-feira, o governo cipriota divulgou que a base britânica de Akrotiri, na costa de Limassol, havia sido atacada por um drone iraniano. No mesmo dia, o Reino Unido abateu drones na Jordânia, no Iraque e no Catar, disse a pasta, em comunicado.

França desaprova

Em um discurso à nação transmitido na noite de ontem, o presidente francês, Emmanuel Macron, afirmou que mandará um

Andrew Caballero-Reynolds/AFP



Friedrich Merz é recebido por Donald Trump no Salão Oval, e diz estar “na mesma página” que Washington em relação ao ataque contra o Irã



O relacionamento (com o Reino Unido) não é mais o mesmo. (...) Não estamos lidando com Winston Churchill”

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

porta-aviões e uma fragata para suas duas instalações militares no Chipre. Embora tenha criticado o Irã, o líder afirmou que os ataques israelenses e norte-americanos desafiam o direito internacional, algo que a França não poderia aprovar. Macron, contudo, completou: “No entanto, a história nunca chora por aqueles

que massacram seu próprio povo, e ninguém sentirá falta”, em referência a Ali Khamenei e a outros representantes do regime de aiatolás mortos durante os ataques.

Nas mesmas declarações contrárias ao primeiro-ministro britânico, o presidente Donald Trump elogiou a França e a Alemanha pelo apoio recebido. Também comemorou a

aprovação da ação militar no Irã pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). O secretário-geral da aliança, Mark Rutte, disse, na segunda-feira, que os bombardeios enfraquecem o programa nuclear iraniano. Em entrevista à emissora belga ARD, porém, Rutte também disse que a Otan não vai entrar na guerra, embora aliados individuais possam se alinhar aos Estados Unidos.

Especialista em normas de direito internacional em relação a guerras, Michael Schmitt, professor da Faculdade de Direito da Universidade de Reading, no Reino Unido, ressalta que qualquer país que aceite atacar o Irã com Estados Unidos e Israel estará violando a Carta da Organização das Nações Unidas (ONU). “Não há base para a legítima defesa coletiva. Isso é relevante para outros estados envolvidos no conflito.

Estados como o Reino Unido estão legalmente impedidos de auxiliar o uso ilegal da força”, diz.

Schmitt afirma que, caso o Reino Unido ofertasse suas bases para ataque, como quer Donald Trump, estaria sendo cúmplice. “Permitir que ataques sejam lançados a partir de território ou bases aéreas britânicas tornaria o Reino Unido cúmplice, de acordo com a lei da responsabilidade do Estado”, diz. Para Ricardo Cai-chiolo, professor de direito internacional e diretor do Ibmecc Brasília, os ataques norte-americanos e israelenses vão na contramão da diplomacia europeia. “A medida aprofunda a polarização global, tensiona a relação com aliados europeus defensores do multilateralismo e reforça a percepção de que a força bruta voltou a ser o eixo central da gestão de crises no Oriente Médio”, argumenta.

Evacuações no Oriente Médio começam

Embora lentamente e ainda de forma limitada, o tráfego aéreo no Oriente Médio, praticamente suspenso desde sábado, quando Estados Unidos e Israel atacaram o Irã, começou ontem a ser retomado. É uma boa notícia para dezenas de milhares de viajantes, principalmente europeus e norte-americanos, retidos na região por causa da guerra e que esperam voos de evacuação.

A situação na região segue muito perigosa. O Catar afirmou ontem que impediu ataques

iranianos contra o aeroporto internacional de Doha, um dos maiores da região. Um drone foi derrubado perto do aeroporto internacional de Bagdá, segundo autoridades do Iraque. Isso vinha forçando o fechamento do espaço aéreo de muitos países, o que forçou o cancelamento de ao menos 12.903 voos entre sábado e segunda-feira, o equivalente a cerca de 40% das conexões programadas, segundo a Cirium, empresa de análise do setor aéreo.

A Cirium estima que os voos na

região representam cerca de 900 mil assentos diários, o que sugere que o número de viajantes afetados supera facilmente 1 milhão. No domingo, foram cancelados quase todos os voos que partiam dos Emirados Árabes Unidos, que abrigam o segundo maior aeroporto do mundo em número de passageiros, o DXB, de Dubai. Ontem, o índice de voos autorizados foi de apenas 6,5%. O aeroporto de Abu Dhabi também retomou suas operações de forma limitada. Decolaram apenas alguns voos das companhias

Emirates, da aérea de baixo custo Flydubai e da russa Aeroflot.

Muitos voos da Royal Jordanian decolaram e pousaram no aeroporto de Amã, mas sobrevoaram o sul do país para evitar o espaço aéreo israelense. Os voos continuavam partindo e chegando a Arábia Saudita e Omã, onde passageiros fazem conexões longas entre Europa e Ásia. No entanto, não havia voos civis nos espaços aéreos de Iraque, Kuwait, Líbia e Catar. Israel anunciou a reabertura parcial do seu espaço aéreo a partir da noite desta quarta-feira.



Michal Cizek/AFP

»ARTIGO

O imponderável da guerra

Há muita sabedoria na advertência que sempre se faz quando ocorrem conflitos armados: “Você sabe como começa uma guerra, mas nunca sabe como ela termina”. Mas não se pode deixar de perguntar por que se inicia uma guerra.

O presidente Trump tem anunciado uma ampla gama de objetivos para atacar o Irã, desde destruir o programa nuclear até a mudança de regime. Alguns veem nisso uma margem de manobra para declarar vitória quando ele assim o escolher. Por outro lado, retira o foco estratégico do objetivo principal. É claro, também, que podemos especular sobre as razões que efetivamente o levaram à ação militar, mas que não são reveladas.

Entretanto, independentemente dos motivos ou mesmo se está conforme o direito internacional ou não, o fato é que desde o

fim da Segunda Guerra Mundial, praticamente todos os presidentes dos Estados Unidos, democratas ou republicanos, estiveram envolvidos, direta ou indiretamente, em algum tipo de conflito armado, guerra declarada, intervenção limitada, operações secretas ou uso de forças especiais.

Algumas mudanças institucionais, após os atentados de 11 de setembro de 2001, vieram a facilitar mais o poder presidencial em decidir por ação armada. Consenso bipartidário em torno da definição de ameaças aos EUA, financiamento das guerras por meio do endividamento público em vez de impostos; os avanços tecnológicos permitindo o uso de armas que tornam improváveis os custos humanos.

Uma outra variável se refere ao sistema internacional. Com o fim da Guerra Fria, os EUA passaram a ter a hegemonia no campo

militar, não havendo nenhum outro poder que pudesse lhe contrapor. Como disse um senador norte-americano na década de 1960: “Há razões para pensar que, se for fácil para irmos a qualquer lugar e fazer qualquer coisa, estaremos sempre indo a algum lugar e fazendo algo”.

Em outras palavras, quais são os custos, econômicos, militares ou políticos, em países em que a assimetria de poder é enorme? Nesse sentido, poderíamos perguntar: por que os presidentes anteriores a Trump não atacaram militarmente o Irã? Uma das razões que inibiam essa ação deixou de existir ano passado. Nos

Arquivo pessoal



REGINALDO MATTAR NASSER é professor de relações internacionais da PUC-SP e do Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp e PUC-SP)

últimos anos, construiu-se um eixo de resistência em torno do Irã que congrega vários atores não estatais armados em múltiplos fronts (Líbano, Gaza, Síria, Iraque, Mar Vermelho) — o qual poderia ser acionado contra Israel e Estados árabes aliados dos EUA. Mas, a ação militar de Israel contra o grupo Hezbollah, no Líbano, rompeu com essa barreira e deixou o Irã exposto.

No entanto, um outro fator — que também sempre foi motivo de preocupação dos EUA — refere-se ao risco de ataques iranianos com mísseis e drones em todo o Oriente Médio, principalmente às monarquias do Golfo onde

estão localizadas as bases americanas, atingindo portos, aeroportos e refinarias, impactando a economia regional e global.

Portanto, ao que tudo indica, Trump avaliou que se trata de um blefe iraniano ou que, com os ataques, ocorreria uma mudança de regime ou mesmo o seu enfraquecimento — o que poderia almentar fraturas internas, levando membros do regime à capitulação e ao estabelecimento de acordo com novos líderes. Algo semelhante ao que aconteceu na Venezuela. Até o momento e ao que tudo indica, o regime se fortaleceu politicamente, e a hipótese de que ocorra mudança é cada vez mais improvável. O fato é que o regime iraniano luta por sua sobrevivência e não tem outra alternativa para enfrentar EUA-Israel, apoiados pelos governos da região, a não ser impor custos econômicos altíssimos aos Estados Unidos e aliados.

Como dissemos no início desse texto, não se sabe quando e como essa guerra irá terminar, mas estão bastante claras algumas das suas consequências, que é a exposição dos EUA, Israel e aliados a uma série de problemas econômicos, militares e políticos, interna e externamente.

Como fica a China nisso tudo? Analistas internacionais têm afirmado que uma das questões que os estrategistas chineses mais estudaram foi o colapso da União Soviética. A interpretação é que Moscou teria comprometido sua estabilidade interna e projeção internacional devido à competição militar global com os Estados Unidos, com elevados custos econômicos e políticos.

As vezes, as vitórias são mais danosas do que as derrotas. Os EUA venceram a Guerra Fria, mas estão sendo derrotados por sua arrogância.